



GT 38. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Coordenador(es):

Edward John Baptista das Neves MacRae (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Regina de Paula Medeiros (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Nos últimos anos, o campo do estudo do uso de substâncias psicoativas, até recentemente apanágio quase exclusivo dos estudos em saúde ou direito, vem também se desenvolvendo de forma muito rápida na antropologia. A nova, mas não inédita, atenção dada aos seus aspectos culturais traz uma série de implicações teóricas, metodológicas, políticas e éticas. Destacam-se aí conflitos entre abordagens teóricas baseadas no interacionismo simbólico e as norteadas pela teoria ator-rede e as questões metodológicas relacionadas a uma maior ou menor participação nas práticas pesquisadas e na militância de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indagações. Pode/ deve o pesquisador usar substâncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora questões éticas relacionadas ao estudo de populações com práticas ilícitas ou socialmente estigmatizadas. Que proteção se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, propõe-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodológicos-teóricos- éticos que possibilitam a compreensão dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas práticas de uso de psicoativos, sejam eles lúdicos, espirituais ou terapêuticos possam trazer à discussão os vários dilemas encontrados em seus estudos.

Do campo para casa: afetações e transformações da pessoa na construção de pesquisas sobre usos rituais de psicoativos

Autoria: Klarissa Almeida Silva Platero (UFF - Universidade Federal Fluminense), Lígia Duque Platero

Com a redação deste artigo buscamos produzir reflexões sobre como é ser, simultaneamente, nativa e pesquisadora no campo do xamanismo ayahuasqueiro e de uma religião da ayahuasca, o Santo Daime. A partir da reconstrução narrativa de uma experiência que afetou as autoras de formas muito particulares, argumentaremos sobre como essa afetação pode influenciar nos resultados de pesquisas neste campo, especialmente as pesquisas sobre o Santo Daime. Apresentaremos como nossas trajetórias, enquanto adeptas da religião, foram se transformando à medida em que a pesquisa de tese de doutorado de uma das autoras foi ganhando substância e densidade acadêmico-científicas (Platero, 2018). De um lado, a pesquisadora cada vez mais mergulhada no campo; de outro, a familiar que acompanhava de muito perto tal imersão. O exercício de trabalhar teoricamente a realidade vivida consiste no estabelecimento do diálogo com o conceito de afetação de Favrett-Saada (2005[1990]). Nesse sentido, o problema aqui abordado é a afetação em situações de pesquisa no campo do xamanismo ayahuasqueiro e religiões da ayahuasca, suas possibilidades e suas limitações na coleta e na análise dos dados. Mais que "estar lá" e "escrever aqui", como nos ensina Geertz (2013[1983]), pretendemos explorar justamente essa transição entre dois mundos, esse caminho percorrido ao "voltar de lá e chegar aqui", do work de campo à escrita e à análise. Como objetivos, buscamos dialogar com a bibliografia sobre religiões ayahuasqueiras e xamanismo ayahuasqueiro, que discuta metodologicamente esse lugar de mediação. Discutiremos também o problema da afetação em campo conjugada ao processo de transformação da pessoa ao qual a mesma está submetida, enquanto personagem diretamente implicada nas experiências simbólicas provocadas pelo uso ritual de psicoativos (ayahuasca, rapé, sananga). Vamos explorar, portanto, situações nas quais nos vimos como nativas e, simultaneamente, pesquisadoras, tratando dos riscos e dos cuidados a serem tomados em meio à observação participante, bem como as implicações no momento de análise dos dados observados e de escrita do work



acadêmico. Referências citadas FAVRET-SAADA, Jeane. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira. Cadernos de Campo, n. 13: 155-161, 2005. [Edição original 1990] GEERTZ, Clifford. O saber local ? novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis/RJ, Ed. Vozes, 13ª ed., 2013. [Edição original 1983] PLATERO, Lígia Duque. Reinvenções daimistas: uma etnografia da aliança entre uma igreja do Santo Daime e o povo indígena Yawanawá (Pano). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2018.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: